

Pânico e revolta na Penha e Alemão

*Julita Lemgruber**

São 14 horas de quinta-feira, 28 de junho. Menos de 24 horas depois do término de uma das maiores operações de combate ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro que envolveu 1.350 policiais e resultou, oficialmente, em 19 mortos e 13 feridos, inclusive uma estudante que voltava da escola e uma criança. Neste exato momento, as informações que nos chegam é de que os traficantes que atuam nos Complexos do Alemão e da Penha continuam desfilando com seus fuzis livremente, a despeito da prisão de quatro deles, a morte de vários e a apreensão de algumas armas de grosso calibre, além de grande quantidade de maconha e cocaína.

De lideranças comunitárias dos Complexos do Alemão e Penha ouvi, hoje, expressões de dor e sofrimento. Nas suas palavras “na comunidade o clima é de luto e de tristeza. A violência da polícia provocou pânico e revolta. A população está traumatizada, angustiada, sem saber de onde virá o próximo tiro, a próxima bala perdida.”

O mais longo confronto entre a polícia fluminense e o tráfico de drogas, que começou no dia 2 de maio na área dos dois Complexos e parece não ter data para acabar, já provocou, desde o início, 36 mortes, 72 feridos, mantém escolas e postos de saúde fechados, além de impedir a coleta regular do lixo e a continuidade de programas diversos mantidos por organizações não-governamentais. São 97.000 pessoas segundo o IBGE, ou 200.000, segundo lideranças comunitárias, sem acesso a serviços básicos. Alguém poderia imaginar situação semelhante em bairros cariocas onde habitam pessoas com maior poder econômico, vez e voz na sociedade?

Qual o resultado substantivo de operações policiais como esta? Como todos sabemos, o recrutamento para o tráfico se dá de forma rápida e muito eficiente. Traficantes presos e mortos são logo substituídos e as armas apreendidas são, também, rapidamente repostas, em grande parte porque os criminosos contam com a corrupção de muitos membros das forças de segurança.

E o que é pior – nada indica que a operação de quarta-feira faça parte de um planejamento mais amplo do poder público e que não se limite a uma ação policial, mas que dê lugar à implantação imediata de programas sociais dos governos federal, estadual ou municipal.

Sobretudo, o governo Sergio Cabral está devendo ao Rio de Janeiro uma política de segurança pública que reduza a criminalidade e a violência, respeitando a vida, com foco especial na redução dos homicídios.

- *Socióloga e diretora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESec/UCAM)*